

HIP HOP: movimento cultural que movimentava a educação física escolar

Leandro Fontão Pereira
de Camargo²³
Rubens Antonio Gurgel Vieira²⁴

Resumo: O presente estudo teve como objetivo identificar as contribuições do movimento cultural Hip Hop – na visão de Postali (2011) e Pimentel (1997) – e os conceitos de corporeidade (VERDERI, 1999) para a prática pedagógica da Educação Física escolar, baseando-se nos estudos curriculares de Daolio (1995) e Neira (2008, 2011). Para reforçar os aspectos teóricos, buscamos relatos de experiência criados a partir da experiência com o Hip Hop como tema e conteúdo das aulas. Considerou-se a partir desta investigação que o Hip Hop e a Corporeidade traçam objetivos em comum que podem auxiliar no rompimento de conteúdos hegemônicos e no desenvolvimento de um ser *uno* nas aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chaves: Hip Hop; Corporeidade; Educação Física Escolar.

Abstract: This study aimed to identify the contribution of the cultural movement Hip Hop – in the view of Postali (2011) and Pimentel (1997) – and the

concepts of corporeality (VERDERI, 1999) for pedagogical practice of Physical Education, based in curriculum studies of Daolio (1995) and Neira (2008, 2011). To reinforce the theoretical aspects, we seek experience reports created from the experience with the Hip Hop theme and content of the lessons. It was considered from this research that the Hip Hop and the Embodiment outline common goals that can assist in breaking hegemonic content and the development of a one be in classes of Physical Education.

Keywords: Hip Hop; Corporeality; Physical Education

Introdução

O movimento cultural Hip Hop pode ser tema e conteúdo da Educação Física escolar, pois é rico em possibilidades pedagógicas, facilitando o aprendizado de ritmos, de uma cultura marginalizada, de práticas esportivas e muitas outras que serão abordadas ao longo deste trabalho. É possível utilizar o Hip Hop em conjunto com outros temas que são abordados na escola, fazendo com que despertem no aluno diversas formas de percepção e expressão de ideias, sentimentos, emoções e saberes, ou seja, que ele compreenda

23 Licenciado em Educação Física pela FEFISO – Professor na escola Mapple Bear Sorocaba

24 Doutorando pela Faculdade de Educação da Unicamp – Docente na FEFISO – e-mail: rubensgurgel@hotmail.com

as diferentes linguagens, sendo estas linguagens expressões e percepções que se manifestam através de signos (corporais, visuais, musicais, teatrais etc.). O Hip Hop possui alguns aspectos que fazem parte do cotidiano do aluno, como a luta contra opressões, a musicalidade, uma visão de mundo contrária à ordem disciplinar, rompendo conteúdos hegemônicos da Educação Física Escolar (como os esportes, por exemplo) e resgatando as experiências dos alunos, analisando seus saberes, suas práticas culturais e como elas se relacionam com essas manifestações (NEIRA, 2009).

Acreditamos que tematizar o Hip Hop pode ser uma maneira de derrubar currículos voltados para prática de uma cultura hegemônica e dando voz para uma prática voltada para o multiculturalismo, procurando construir um ser *uno* que não é apenas um mero dado biológico com movimentos qualitativamente melhores, mas sim um ser que possua um senso crítico e coerente sobre a sociedade que está em sua volta (NEIRA, 2011; NEIRA, 2008; VERDERI, 1999).

Para embasar nossa visão, buscamos relatos de prática de Educação Física Escolar a partir de duas bases de dados: o site Google Acadêmico (2016) e o site do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-FEUSP, 2016). Os relatos encontrados no Google Acadêmico foram

selecionados a partir do alinhamento teórico às ciências humanas e ao currículo cultural da Educação Física Escolar elaborado por Neira e Nunes (2009), rejeitando relatos com ênfase nos aspectos biológicos, motores ou psicológicos. Todos os relatos que tematizaram Hip Hop até o ano de 2016 no site do GPEF-FEUSP foram selecionados, uma vez que o site apresenta somente estudos embasados no currículo cultural. Na sequência do trabalho, apresentaremos uma breve discussão histórica do movimento cultural Hip Hop, seguido do quadro teórico que forneceu as bases de análise, culminando na terceira parte com a discussão acerca dos relatos selecionados.

O surgimento do movimento de resistência

A origem do Hip Hop está ligada ao contexto social, econômico e cultural pelo qual a população estadunidense vivenciava após a metade do século XX. O embrião para o surgimento do movimento cultural começou nos anos 1960, graças à efervescente luta contra a segregação racial que ocorria no país. Esta luta fez com que os jovens procurassem maneiras de expressar o que sentiam, e a partir daí surgem novos meios de manifestação que foram depois estruturados como elementos do Hip Hop (PIMENTEL, 1997; ZAPPA; SOTO 2011).

Entretanto foi nos anos 1970 que o Hip Hop realmente surgiu nas festas realizadas no bairro

do Bronx em Nova Iorque comandadas pelos DJs jamaicanos Kool Herc e Grand Master Flash. Kevin Donovan, posteriormente conhecido como Afrika Bambaataa frequentava estas festas, e achou interessante a maneira com que as pessoas se relacionavam nela e as manifestações culturais que eles apresentavam, das quais ele embasou o seu pensamento e deu o nome para esta junção de elementos de Hip Hop (POSTALI, 2011).

No Brasil o movimento do Hip Hop chegou no início da década de 1980 por intermédio das equipes de som que organizavam bailes e de poucas revistas e discos comercializados na cidade de São Paulo. O que colaborou para que o movimento se instalasse de vez no Brasil foi o antigo movimento *Black Power* dos anos 1970, que possuía posicionamentos socioculturais semelhantes ao movimento Hip Hop (POSTALI, 2011).

Logo, o Hip Hop brasileiro dentre tantos outros movimentos do gênero adotados por diferentes países, são processos de hibridização cultural – conceito de Burke (2003) que afirma as fronteiras culturais entre os inúmeros grupos de pessoas como mais frágeis do que se supõe, aspecto atrelado ao momento globalizador da história da humanidade que traz o contato, interação e troca cultural intensa. Assim, hibridização é toda inovação, adaptação e transformação decorrente do intensificado contato entre as diferentes

culturas ao redor do mundo. O Hip Hop brasileiro é um hibridismo do Hip Hop americano, introduzindo no Rap, Samba, Baião e o Repente, e o *Break Dance* teve inserido em seu contexto elementos da capoeira (PIMENTEL, 2011; DANIELS, 2002).

O movimento Hip Hop possibilita trazer novas percepções para o aluno, tanto em questões sociais quanto na execução pedagógica da Educação Física escolar, fugindo dos seus paradigmas, ou seja, das mesmas atividades propostas pelos professores ou impostas pelas escolas que seguem um currículo que propõem a reprodução do mesmo conteúdo para todos indistintamente. Esta organização curricular aumenta a contradição já existente entre as culturas dos alunos e a cultura historicamente privilegiada pelo currículo, ou seja, que pregue uma cultura de determinada classe econômica, social ou étnica. O conteúdo Hip Hop inserido na Educação Física escolar pode romper esta hegemonia, e apresentar uma cultura com pouca representação nos currículos tradicionais, ou seja, através desta inserção mudar a ideia de sociedade do aluno (SILVA, 2007; NEIRA, 2008).

Assim, a inserção do Hip Hop pode alterar a percepção do aluno sobre o mundo à sua volta e sobre o seu corpo, onde ele irá perceber que este carrega cultura e também pode ser utilizando como meio de se expressar, não apenas o caracterizando como um dado biológico. O objetivo é que o aluno

crie um ponto de vista sobre coisas que fazem parte do seu cotidiano ou que fazem parte de outra sociedade que ele não está inserido. Este viés curricular possibilita a criação de um vínculo maior com a disciplina Educação Física, não a subjugando somente como uma atividade curricular que tem como intuito alguns objetivos tradicionais para o componente – como eugenia, saúde corporal e habilidades motoras (SILVA, 2007 apud NEIRA, 2011; NEIRA, 2008).

A cultura do movimentar-se na educação física escolar

Segundo Kofes (1985 apud DAOLIO, 1995), mesmo antes de uma criança falar ou andar, ela já traz com ela alguns comportamentos sociais, pois o corpo é uma maneira de expressar a cultura que o indivíduo possui, portanto, cada cultura irá se expressar por meio de diferentes corpos. O homem utiliza seu corpo para assimilar e se apropriar de valores, normas e costumes sociais. Um indivíduo pode aprender uma nova língua, tradições, hábitos e novos conhecimentos ao seu repertório. Mais do que um novo aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo e no conjunto de suas expressões, sendo assim o homem aprende a cultura através de seu corpo, podendo se afirmar que o corpo humano não é um dado puramente biológico, o corpo é fruto da interação entre natureza e cultura (DAOLIO, 1995).

Rev. Bras. Educ. Fis. Escolar Ano III, V. 1 – Jul. 2017

A Educação Física se ocupa de todas as práticas institucionais que envolvam o corpo humano, desde práticas educacionais, recreativas, reabilitadoras ou expressivas. Pelo seu caráter holístico, esta área do saber deve pensar o homem como um sujeito social. A partir desta visão, não podemos considerar os alunos parte mente e parte corpo. Essa visão fragmentada vem de uma compreensão na qual nossos corpos são considerados máquinas, divisão que distanciou o homem moderno da natureza, fazendo com que ele pensasse que através das ciências poderia dominar a natureza. Para que possamos fazer este corpo se tornar um corpo vivido, que se movimenta livremente, que tem opiniões e se utiliza disso para se expressar, em que corpo e mente se superam, se tornando um ser *uno*, é necessário que vinculemos a ele novas visões e novos conceitos, que envolvam o homem, corpo e mente (DAOLIO, 1995; VERDERI, 1999).

A corporeidade está relacionada ao corpo vivido, corpo sujeito, que atua e que tem vontades, necessidades e liberdade para estar interferindo no mundo social e cultural. O trabalho do professor de Educação Física é dar liberdade de expressão para o aluno, deixando de lado métodos rígidos que buscam torná-lo apenas um corpo-objeto, que repete tudo que vê e o que se faz. O objetivo final do processo educacional no componente da Educação Física é que o aluno conheça seu corpo, para que possa produzir gestos expressivos,

fundamentado num processo de construção, favorecendo manifestações de ordem educacional, artística e cultural, sendo que de uma cultura para outra podemos observar manifestações motoras diferentes, que também são inseridas em um contexto social diferente (VERDERI, 1999).

Está relatado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000), que os professores de Educação Física tiveram seus conhecimentos e experiências baseadas em ideias de ordem técnica, ou seja, disciplinas esportivas. Esse fato se deu, entre muitas causas, pela confusão do ambiente esportivo competitivo com o escolar educacional, fruto de um contexto histórico que quis elevar o país à categoria de nação desenvolvida à custa de seus sucessos no campo dos esportes. Isso acaba causando o abandono da ação de educador e dando forças para a função de treinador, o que priva o aluno de ser apresentado para outras manifestações culturais igualmente ricas em possibilidades educativas, e promove uma visão hegemônica da Educação Física.

Acreditamos que a escola não é local para treinamento esportivo, pois deixa de lado a cultura corporal de movimento, com atividades que exploraram os significados que o corpo carrega com si, favorecendo uma educação que leva em conta o fato de que o homem se utiliza de expressões corporais como ferramenta de interação com a realidade do mundo (NEIRA; MATTOS, 1999).

Com o corpo somos capazes de ver, ouvir, falar perceber e sentir coisas, entramos em contato com a vida e outros corpos através da comunicação e da linguagem que o corpo possui. E nas ações corporais dos jovens e adolescentes, durante a atividade física, o enfoque deve estar voltado para o corpo, para as ideias e para os sentimentos. Sendo assim o professor tem como função ser mediador, entender e aceitar as relações corporais existentes no mundo humano, e demonstrar para os alunos que aquilo é um espaço de aprendizagem (NEIRA; MATTOS, 1999).

Por isso que a corporeidade pode ser utilizada como ferramenta de trabalho, pois tem como função de trabalhar o ser *uno*, que é um ser que tem liberdade de expressão pessoal, que tem condições e direito de escolher e tomar decisões. Sua experiência motora irá resultar no descobrimento do seu mundo, que terá nas atividades espontâneas um aliado para o surgimento de novas situações, que por sua vez irão gerar novas informações, novos caminhos, que irão nortear o desenvolvimento pleno do aluno (VERDERI, 1999).

Hip Hop e corporeidade na educação física escolar

Segundo Freire (1997), a Educação Física não é apenas educação pelo movimento, é educação de corpo inteiro, sendo este corpo em relação com outros corpos

e objetos. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-la de movimentos qualitativamente melhores.

Nesse contexto que entra o Hip Hop, que possui alguns pilares que podem servir como auxílio para a corporeidade se desenvolver na Educação Física escolar, sendo eles o *Break Dancing*, Rap, *Streetball*, conhecido no Brasil como basquete de rua (SILVA, 2012; POSTALI, 2007; PIMENTEL, 1997).

Também se pode utilizar do *Freestyle*, que é um dos quatro estilos existentes no *Break Dance*, dando ênfase na improvisação do movimento, já que no Hip Hop há uma resistência aos movimentos padronizados e é valorizado o estilo pessoal, que parte da ideia da corporeidade, de ter atividades espontâneas que gerem novas situações e informações, assim trazendo novos conhecimentos para o aluno (SOUZA; DAOLIO; VENÂNCIO et al., 2009; VERDERI, 1999).

A partir desta ideia o *Freestyle* pode ser trabalhado não apenas através da prática corporal, mas também explorando a cultura que produziu tais movimentos. Isso pode ser feito sugerindo que os alunos executem movimentos coreografados mesclando elementos básicos do Hip Hop, onde o professor pode demonstrar a importância dos movimentos e a história que tem por trás deles, e abordar outros temas. Por exemplo, abordar letras de rap que falam resistência social, letras sobre violência

civil e letras sobre a marginalidade das populações mais pobres (SOUZA; DAOLIO; VENÂNCIO et al., 2009).

Outra possibilidade didática é a demonstração dos movimentos básicos do Break Dance através de vídeos ou *b.boys*, criação de coreografias que apontem possíveis soluções para problemas sociais e contextuais da comunidade, e poderão também a partir dos movimentos básicos criarem outros, pois é esta a ideia do *freestyle*. Para escolher a seleção musical a participação dos alunos é fundamental, abrindo espaços para discussões polêmicas, realização de traduções, percepção de contextos de hibridização (SOUZA; DAOLIO; VENÂNCIO et al., 2009).

O *streetball* também pode ser trabalhado na Educação Física escolar, como foi feito em uma escola de ensino fundamental II localizada em Jundiáí, desenvolvido pela professora Silva (2012), que utilizou o Hip Hop como pano de fundo. A professora procurou através deste projeto resgatar a ideia de união em torno de uma prática, abrir possibilidades de discussões entre os jovens sobre a realidade das periferias do Brasil, e abrir para que eles dessem opiniões sobre como poderiam reivindicar melhorias nas condições de vida desta população.

Através deste projeto desenvolvido por Silva (2012), pode-se tentar realizá-lo para trabalhar a corporeidade também, pois nele não foi apenas enfatizado o

esporte *streetball*, mas também a história do surgimento desta modalidade e a importância social que ela carrega com si. O movimento cultural Hip Hop anexado ao projeto *streetball*, traz outras possibilidades de debates, o que faz com que se trabalhe no aluno o senso crítico e o ajude a expor suas ideias. Ademais, o *streetball* é uma modalidade que não carrega com si tantas regras igual o basquetebol, isso facilita para que o aluno possa praticar e seja mais espontâneo, podendo a partir de alguns dribles básicos do *streetball* criar outros dribles, ou seja, outras maneiras de resolver problemas e dar vazão a sua expressão.

Partindo do pensamento de Verderi (1999) onde a corporeidade trabalha um ser uno e também de Neira (2011), na qual o educador pesquisa e resgata as experiências dos estudantes, analisando seus saberes, suas práticas culturais e como eles se relacionam com essas manifestações, o Hip Hop pode levar os alunos a olharem além de suas próprias experiências e realidade, assim visando ampliar a compreensão do patrimônio cultural e o reconhecimento social de suas identidades.

Quando se traz à tona assuntos que abordem camadas desprivilegiadas economicamente, afrodescendentes ou outros grupos marginalizados pela sociedade, contrapõem-se sobre a ótica comum. Ao enfrentar a concepção popular, indivíduos que pertencem aos grupos dominantes

também apreciam o fato de que nas mais diversas questões existem perspectivas que não conhecem ou que estavam submersas. Sendo assim a tematização do conhecimento popular no currículo potencializará novos métodos e vozes divergentes, que partirão da ideia que a corporeidade traz consigo, de propor novas concepções para o aluno (NEIRA, 2011; VERDERI 1999).

Outro elemento do Hip Hop que pode ser abordado nas aulas de Educação Física é o grafite, que a professora Nascimento (2014) trabalhou utilizando-se de um vídeo do programa Manos e Minas²⁵, que abordava as diferenças entre o grafite e a pichação. Através deste vídeo ela estimulou o debate na sala, onde os alunos poderiam expressar suas ideias sobre o assunto. Ela abordou como tema: O que é grafite? O que é pichação? E também questionou qual dessas práticas era vandalismo e qual era arte. E através deste debate ela pode conhecer melhor em qual sociedade seus alunos estavam inseridos e suas preferências.

Ribeiro (2008), em 2006 realizou um projeto com alunos do ensino médio de uma escola localizada no Rio de Janeiro em São Gonçalo, no qual ele batizou de "dança de rua na escola". Segundo o professor a dança tem representatividade diminuta e ele

25 Programa realizado pela TV Cultura que acompanha a produção da música urbana em suas várias vertentes (rap, funk, soul, reggae, samba), além de mostrar iniciativas e realizações da cultura de rua e do hip-hop em seus diversos segmentos.

se utilizou da dança de rua, pois achou ser uma atividade coerente com o contexto do qual faziam parte os alunos e alunas do ensino médio, em sua maioria de origem negra, e moradores das favelas em torno da região.

Ao final do projeto, Ribeiro (2008) pensou em que medida havia uma consciência da identidade negra presente naqueles alunos (as). Ele notou que apesar do interesse pela dança de rua, ficou evidente o desconhecimento da origem da modalidade e seus aspectos históricos, culturais e sociais. No decorrer do projeto Ribeiro também utilizou como ferramenta trechos de filmes, onde pode observar comentários depreciativos entre os alunos em relação aos seus próprios traços raciais em torno das características físicas.

Ribeiro (2008) notou que aqueles comentários explicitavam o Ideal do *branqueamento*²⁶. A partir destas observações Ribeiro começou a questionar-se, se era possível enquanto educador interferir positivamente nas identidades, construir discursos em outras bases em meio aos preconceitos, discriminação racial e o mito da democracia racial do Brasil. Tais questionamentos amplos motivaram um novo projeto que contemplasse a cultura Hip Hop no auxílio da transformação da visão dos sujeitos, interferindo numa

construção da identidade negra, este novo projeto foi chamado de A cultura Hip Hop em ação pedagógica na escola.

Este novo projeto visava utilizar atividades práticas e teóricas que buscavam envolver os alunos(as) no contexto político-social do Brasil, do Estado e do seu Município, e, concomitantemente valorizar a diversidade cultural através do Hip Hop. Ribeiro (2008) diz ter encontrados respostas provisórias, a questões que se referem as identidades na ambiência escolar.

Martins (2009) realizou o trabalho "*Hip-Hop na escola*", no primeiro semestre do ano de 2009 na EMEF Tenente Alípio Andrade Serpa com três turmas do 5ºano. A escola fica localizada no bairro Jardim Bataglia, na região do Butantã em São Paulo. O objetivo do trabalho foi ampliar a leitura dessa manifestação corporal, tentando superar estereótipos e preconceitos acompanham essas práticas. A manifestação corporal foi escolhida a partir da discussão do Projeto Pedagógico da escola, que focou uma concepção de aluno como leitor e escritor do mundo e também o Projeto Especial de Ação (PEA), que tinha como objetivo a aproximação entre a escola e a comunidade. Ficou evidenciado o envolvimento dos alunos e a comunidade com a dança, que a utilizavam como uma forma de lazer e diversão, isto fez com que a manifestação escolhida fosse a dança. Martins decidiu focar os estudos a partir do

26 "Conceito antropológico que afirma existir em nossa sociedade uma tendência a tornarmos a cultura e as características brancas (caucasoides) como padrão de excelência" (SILVA JÚNIOR; VASCONSELOS, 2005 apud RIBEIRO, 2016).

break, por ser uma dança que os alunos se identificavam e estar dentro das propostas da escola. Para iniciar a discussão sobre a manifestação selecionada, foi usado um texto que explicava o que era a *black music* e o que era o movimento *hip hop*, chegando à conclusão que o *hip hop* não era apenas a dança, mas um movimento cultural que engloba outras formas de manifestações artísticas, foi decidido então que seria estudado o movimento *hip hop* como um todo, e não apenas o *break*.

Após Martins (2009) definir como objetivo de aproximar a manifestação dos alunos utilizou-se de trechos de filmes com temática do Hip Hop. Os trechos demonstravam como eram as disputas de danças entre aqueles grupos, e outras formas de manifestações artísticas dentro da cultura *hip hop*. Alguns alunos relataram que estavam assistindo clipes para conhecerem mais passos e movimentos. Martins (2009) filmou os momentos em que os alunos estavam dançando, para que os mesmos pudessem perceber a sua própria gestualidade, e através das filmagens os alunos poderiam perceber o que não estava de acordo com suas representações, o que poderia mudar, e o que estavam tentando dizer com aqueles movimentos. Na ótica da autora, esta atividade contribuiu para que seus alunos fizessem uma leitura da prática do *hip hop*, e as observações feitas por eles ampliaram o olhar para essa manifestação. A conclusão do projeto foi que os

alunos puderam ampliar a sua leitura sobre uma prática presente na sua comunidade.

Considerações

Através destes exemplos que utilizaram o Hip Hop como tema de conteúdo das aulas de Educação Física escolar fica evidenciado que o aluno pode desenvolver algumas competências e habilidades indicadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio, como: representação e comunicação, onde o aluno demonstra autonomia na elaboração de atividades corporais; capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal; assunção de postura ativa nas práticas das atividades físicas e consciente da importância delas na vida do cidadão; participação em atividades grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs; reconhecimento de convivência e práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, diálogo, reflexão e adoção de uma postura democrática sobre diferentes pontos de vista.

É na corporeidade que estas habilidades e competências podem ser desenvolvidas através do contato profundo do aluno com o movimento Hip Hop, ou

seja, conhecer as histórias, expressões e significados que são carregados por trás deste movimento e não ficar apenas com ideias superficiais. Assim, as aulas possibilitam trabalhar e desenvolver um ser que pense, exponha suas ideias de forma coerente, possua um senso crítico sobre o que cerca o seu mundo, e que também saiba utilizar seu corpo como ferramenta para se expressar. De forma que este indivíduo através da sua cultura em conjunto com estas manifestações intelectuais e corporais, possa dialogar e ser compreendido pela sociedade presente em seu entorno.

Desta forma, o Hip Hop como tema e conteúdo das aulas de Educação Física escolar possibilita trazer para os alunos novas concepções sobre este componente curricular, ou seja, fugindo dos paradigmas da Educação Física escolar convencional, onde estas novas concepções possam proporcionar para os alunos novos pontos de vista sobre as diferentes realidades socioculturais presentes em sua volta, e também trazer uma nova percepção sobre o seu corpo. Isto fará com que o aluno não se perceba apenas como um indivíduo na sociedade, mas sim, ser o indivíduo na sociedade, que pense de maneira coletiva, buscando resolver os problemas que o cercam, mas também os problemas que cercam a sociedade em que ele está inserido.

Acreditamos que a tematização de culturas marginalizadas

como o Hip Hop contribui para que a Educação Física possa conceber para a sociedade um ser carregado de ideias e maneiras de expressá-las, e não apenas um indivíduo carregado de movimentos qualitativamente melhores de acordo com padrões determinados.

Além disso, as ideias que os sujeitos carregam são sensíveis a toda a diversidade cultural existente. Entretanto ficou evidenciado que estamos distantes desta realidade tendo em vista a enorme dificuldade de encontrar relatos sobre a prática do Hip Hop na Educação Física escolar, demonstrando que o currículo está colonizado (NEIRA, 2006, 2009), e que o Hip Hop ainda é excluído da educação formal.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

DANIELS, Harry. **Uma introdução a Vygotsky.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FREIRE, João. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

GPEF-FEUSP. **Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar**. Disponível em: <<http://www.gpef.fe.usp.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

MARTINS, Jackeline. **Hip Hop na escola**. EMEF Tenente Alípio Serpa Andrade. São Paulo, SP. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/jacque_03.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2016.

NASCIMENTO, Aline Santos. CREW 6@6: skate de dedo é brincadeira sim. E daí? In: NEIRA, Marcos; NUNES, Mario; LIMA, Maria. **Educação física e culturas**: ensaios sobre a prática – Volume II. São Paulo, SP: FEUSP, 2014.

NEIRA, Marcos. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 33, n. 3, p. 671-685, 2011.

_____. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 39-54, jul./dez. 2008.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo. 1997. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) – Escola de Comunicações e

Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

POSTALI, Thífani. **Blues e Hip Hop uma perspectiva folk comunicacional**. Jundiaí, SP: Paco Editora, 2011.

RIBEIRO, William de Goes. **“Nós estamos aqui!”**: o Hip Hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/dissertacao_william_de_goes_ribeiro.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

SILVA, Bianca. **O Streetball trazendo o Hip Hop para a escola**, 2012. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/12096.pdf>. Acesso em: 8 set. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Adalberto; DAOLIO, Jocimar; VENÂNCIO, Luciana et al. **Caderno do professor**: educação física, ensino médio, 3ª série, v. 2. São Paulo, SP: SEE, 2009.

VERDERI, Érica. **Encantando a Educação Física**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1999.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2011.

Artigo submetido em 23 de fevereiro de 2017

Artigo aprovado em 20 de abril de 2017